

BIBLIOGRAFIA

CRÍTICA

A hipótese da demora cultural

Guerreiro Ramos

A definição mais representativa daquilo que os antropólogos sociais e os sociólogos anglo-americanos chamam de cultura é a de Tylor, em "Primitive Culture, assim dita: "that complex whole which includes knowledges, belief, art, morals, law, custom and any other capabilities acquired by man as a member of society". Para modificá-la ou não, a maioria dos compêndios de sociologia, editados depois de Tylor, a repetem. Se ela não nos parece hoje abranger toda a extensão do definido, contudo, desde que foi cunhada estabeleceu para sempre dois caracteres essenciais da cultura.

De fato, do exame dos termos que usa Tylor se conclui, em primeiro lugar, que êle não dá à palavra nenhum sentido valorativo, que a considera como um vocábulo neutro, que poderá ser aplicado a qualquer grupo social, em qualquer etapa histórica.

A outra indicação do conceito é a de que a cultura é adquirida, é uma categoria social e não biológica, não é um dom, algo elaborado espontaneamente pela natureza, mas uma soma de invenções do homem, vivendo em sociedade. Ela traz, portanto, a marca registrada humana.

A vulnerabilidade da definição de Tylor está em que parece deixar do lado de fora os elementos materiais da cultura. O arco e a flexa, o carro de boi, o automóvel, a bomba atômica são também traços culturais. O vício desta definição é ser demasiadamente psicológica, tomando como ponto de referência o homem, quando realmente a cultura tem uma existência própria, com suas leis próprias de evolução, podendo ser estudada independentemente dos seres humanos que a criaram.

Os elementos materiais e os não materiais da cultura não estão apenas justapostos, mas funcionalmente relacionados uns com os outros. As partes da cultura são interdependentes, agem umas sobre as outras.

Uma das melhores ilustrações desta interação é possivelmente, o estudo de Clark Wissler, "The Influence of the Horse in the Development of Plains Culture", publicado na revista "American Anthropologist" (New Series, vol. XVI n. 1), em que mostra como a introdução do uso do cavalo numa cultura sedentária transforma radicalmente sua organização econômica, política, moral e religiosa.

A demora cultural (tradução de "cultural lag") decorre desta interdependência das partes da cultura e sua teoria foi exposta por William F. Ogburn, no livro "Social Change".

Trata-se de uma obra famosa nos Estados Unidos. Editada pela primeira vez em 1922, estamos utilizando a sua décima impressão, datada de 1938.

Rigorosamente, "Social Change" é, hoje, um livro *out of date*, não só pelo material que utiliza, mas também pela maneira como o utiliza. As contribuições que trouxe, de início, ao conhecimento da sociedade estão atualmente incorporadas aos manuais, pois não há nenhum dêles que não trate da herança social e da herança biológica, da evolução social, da inércia e do conservantismo culturais e do ajustamento do homem à cultura.

Não há, portanto, interêsse em debater temas que se encontram já didatizados, ao alcance dos leigos.

Da referida obra ficou em estado de suspensão a chamada teoria do "cultural lag". A expressão foi bem sucedida, tanto assim que, frequentemente, aparece em livros de economia, de administração, de política, de psicologia social e, sobretudo, de sociologia.

Contudo, apesar desta popularidade, o emprego da expressão é, quase sempre vago — o que deve decorrer, sem dúvida, do próprio texto original que não é dos mais claros de Ogburn.

O motivo por que, ao tratar desta obra, destacamos apenas um dos seus capítulos fica, portanto, justificado e, se fôsse necessário acrescentar mais algum esclarecimento, diríamos que objetivamos, por nossa vez, contribuir para que a expressão seja empregada com a propriedade que requer.

Distingue o autor duas partes na cultura: a material e a não material. Sem estabelecer critérios seguros para distinguir uma parte da outra, considera Ogburn como materiais, traços como casas, fábricas, máquinas, matérias primas, produtos manufaturados, gêneros alimentícios e objetos semelhantes. O uso destes materiais exige processos de ajustamento que envolvem costumes, crenças, filosofias, leis, formas de governo, os quais constituem a cultura não material.

Correlatas e interdependentes, de qualquer modo, uma e outra, há, entretanto, a distinguir na cultura não material aspectos que são mais ligados à cultura material do que outros, aspectos estes cujo conjunto pode ser chamado de cultura de adaptação. Por exemplo, a família realiza modificações para ajustar-se a novas condições materiais (o apartamento, a cozinha e a lavanderia mecânicas, etc.) enquanto algumas de suas funções permanecem constantes (educação dos filhos, reciprocamente conjugal, etc.).

Duas observações é, ainda, conveniente fazer. A primeira é que o termo demora não implica nenhum julgamento de valor, não sendo, pois, um sinônimo de atraso, e a segunda é que a expressão "mudança social" será empregada precisamente para evitar as noções de evolução e de progresso, ambas comprometidas e desadequadas a uma acepção neutra, por onde se percebe o esforço da sociologia anglo-saxônica em manter-se dentro de limites estritamente científicos.

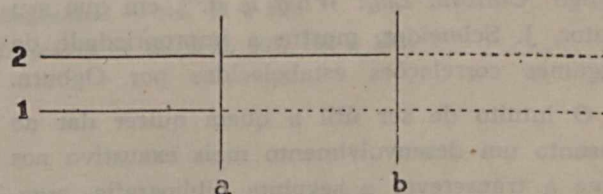
A demora cultural é uma verificação de fato e aplicá-la a qualquer aspecto social, não incorre na enunciação de um julgamento de valor, em nenhuma apreciação. Ogburn coloca a teoria do seguinte modo:

"As diferentes partes da cultura moderna não estão mudando sincrônica. Algumas partes estão mudando mais rapidamente do que outras e desde que há uma interdependência das partes, uma mudança numa parte requer reajus-

tamentos, através de outras mudanças, nas várias partes correlatas da cultura (Social Change págs. 200-201)".

Em obra mais recente, "Sociology" Ogburn e Ninkoff escrevem: "A tensão que existe entre duas partes correlatas da cultura que mudam numa desigual proporção de rapidez pode ser interpretada como uma demora (lag) da parte que está mudando numa proporção mais baixa, pois ela permanece atrás da outra (pág. 886)". Mais adiante: "A palavra demora (lag) implica que o curso próprio da ação promove a demora na variável que não muda ou que está mudando mais lentamente, de modo a evidenciar ser possível um melhor ajustamento com a variável que mudou (pág. 889)".

Segundo Ogburn, o modo mais freqüente de ocorrer a demora cultural é o seguinte: Em primeiro lugar, em consequência de uma invenção, de uma descoberta ou de uma assimilação, muda a cultura material, enquanto a parte correlata da cultura não material permanece sem mudar ou muda mais lentamente, situação que pode ser ilustrada na seguinte figura:



em que a linha 1 representa as condições materiais, a linha 2, a cultura de adaptação e o espaço entre *a* e *b*, um período de desajustamento.

As razões da demora cultural são inúmeras, entre elas, a dificuldade de inventar na esfera da cultura não material (é mais fácil inventar u'a máquina do que uma forma de governo); os interesses investidos (é difícil modificar situações em detrimento dos grupos que se beneficiam delas); o poder da tradição; a força dos hábitos adquiridos; as pressões sociais; a facilidade com que os indivíduos esquecem as experiências desagradáveis; o medo; os obstáculos mecânicos; a heterogeneidade da cultura.

A sociedade industrial, está por exemplo, sofrendo de várias modalidades de demora cultural. Tomando por baliza o progresso técnico

contemporâneo, descobre-se facilmente que estão atingidos de uma demora cultural, a educação, os “mores” familiares, a administração pública, o sistema jurídico e a política. A existência da demora cultural é assinalada por desajustamentos e frustrações, fenômenos característicos de nossa época.

O que a teoria da demora cultural insinua é que a questão social de nossos dias não poderá ser tratada mediante a aplicação de pontos de vista unilaterais, seja moral, religioso, político ou econômico. Terá de ser pensada em termos de interdependência — o que exige uma atitude objetiva diante dos fatos, emancipada de qualquer tendência ideológica. Seria muito útil difundir a idéia da demora cultural entre os membros dos grupos dominantes, porque com certeza, ela concorreria para a assimilação do único tipo de equacionamento de problemas sociais conveniente á nossa época — o sociológico.

Esta fecunda hipótese é ainda hoje matéria controvertida, sobretudo quando se passa a buscar a sua comprovação na realidade social. Um dos recentes números do “American Sociological Review” (Dez. 1945, vol. 10 n. 6) traz um artigo “*Cultural Lag: What is it?*”, em que seu autor, J. Schneider, mostra a impropriedade de algumas correlações estabelecidas por Ogburn.

O intuito de ser útil a quem quizer dar ao assunto um desenvolvimento mais exaustivo nos leva a transcrever a seguinte bibliografia, organizada pelo próprio Ogburn, anexa ao seu artigo sobre mudanda social na “Enciclopaedia of the Social Sciences”: “The Supeorganic”, Kroeber, L. A., in “American Anthropologist”, vol. XIX; “Culture and Ethnology” (New York 1917) e “Primitive Society” (New York, 1920), Lowie, R. H.; — “Cultural Change” (New York, 1928), Chapin, F. S.; — “Social Development” (London, 1924), Hobhouse, L. T., — “Phasen der Kultur” (Munich, 1908), Muller-Lyer, F.; — “Man and Culture” — (New York, 1923), Wissler, Clark (“Cultural Evolution” (New York, 1927), Ellwood, C. A.

A teoria da demora cultural faz parte do patrimônio sociológico americano. Mesmo entre os sociólogos ingleses atuais, ela não tem merecido apreciável atenção. Na sociologia alemã não se encontrará qualquer alusão à sua existência. Os alemães (e neste particular os ingleses começam

a segui-los, provavelmente influenciados pelos trabalhos de Karl Mannheim, atualmente residindo na Inglaterra) encaram o problema da falta de consistência da cultura moderna, sob o ponto de vista estrutural e dos “tipos ideais”.

As categorias de “interdependência” e de “correlação” usadas por Ogburn padecem de um certo naturalismo sociológico, em desacôrdo com a tradição alemã, para a qual é legítimo o dualismo — ciências da natureza versus ciências do espírito ou, desde Rickert, ciência natural versus ciência cultural.

Enquanto o monismo sociológico americano vê, entre as partes da cultura, relações mecânicas de interdependência, o compreensivismo germânico vê, entre as mesmas, relações dinâmicas de sentido. As culturas são totalidades de sentido e devem ser examinadas, à luz do método da compreensão. As relações estruturais lógicas, e não a contiguidade, devem ser o critério de análise da cultura. Os trabalhos dentro desta orientação têm sido numerosos e, entre êles, o sobre as relações entre o protestantismo e o desenvolvimento do capitalismo, de Max Weber, além de seu monumental “*Economia e Sociedade*”, o estudo da Ilustração de Cassirer, “*O Apogeu do Capitalismo*”, de Sombart, “*A Sociologia da Renascença*”, de Alfred von Martin.

A obra de Karl Mannheim, tôda ela sobre a desintegração do Ocidente, não se inclui em nenhuma destas correntes. Tão profundo conhecedor da literatura sociológica americana como da alemã, em cuja ambiência se formou, Mannheim está elaborando uma obra nova, de conseqüências decisivas para o futuro das ciências sociais.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Revista dos Tribunais, Bahia — Set. e out. de 1946.

Revista Brasileira de Odontologia — Agosto de 1946.

The Journal of the American Dental Association — Oct. 1946.

Agricultura e Pecuária — Setembro de 1946.

Boletim Agrícola, Ministério da Agricultura, ns. 12-13 — Outubro de 1946.

Boletim do Departamento Estadual de Estatística, São Paulo, n.º 1 — 1946.

Boletim do Ministério da Aeronáutica, n.º 9 — Setembro de 1946.

- Higiene pre-natal*, Clóvis Correia da Costa, Ministério da Educação e Saúde — 1945.
- Lista Diplomática* — Novembro de 1946.
- Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*, Relatório — Ano de 1945.
- Relatório anual da Panair do Brasil* — Ano de 1945.
- Revista de Direito Municipal, Bahia* — Julho e Agosto de 1946.
- Universidad de Antioquia*, ns. 75-76, Medellin — Colômbia.
- D.N.C.* — Julho de 1946.
- Câmara de Comércio e Indústria do Brasil* — Outubro de 1946.
- La frontera de la republica dominicana con Haiti.*
- Engineering Experiment Station News* — October, 1946.
- Health Education* — October, 1946.
- Political Science Quarterly* — March, 1945.
- Revista de la Universidad de Arequipa* — Abril-Julio, 1945, Perú.
- Revista do Ensino* — Julho de 1946.
- Boletim do Conselho Técnico de Economia e Finanças* — Ministério da Fazenda, ns. 70-72 — 1946.
- El Ingenierb* — Cordoba — Argentina, ns. 72 -77.
- Boletim do Conselho Nacional de Trânsito* — Junho-Setembro de 1946.
- Revista de Educação Pública* — Janeiro-março de 1946.
- Boletim da Divisão Jurídica, I.A.P.I.* — Agosto de 1946.
- Verbum* — Setembro de 1946.
- Revista Médica Brasileira* — Novembro de 1946.
- Quartely Journal* — August, 1946.
- The United States Quarterly Book List* — September, 1946.
- Labor Review* — August, 1946.
- Forum, Bahia*, fasc. 22.
- Ohio's Mineral Resources* — September, 1946.
- Revista da Faculdade de Direito de São Paulo* — Volume XL, 1945.
- Prevision Social*, n.º 65 — Chile.
- Anales de Economia y Estadística* — Julio e Agosto de 1946.
- Current List of Medical Literature*, ns. 3-A, 7-A, 10-A, 12, 13, 13-A, 13, 15.
- Columbia University* — Jay 4, 1946, ns. 29- 30, 33, 34.
- Taxes*, ns. 10 e 11.
- Revista Correios e Telégrafos* — VI. IV.
- Boletim do Conselho Federal de Comércio Exterior* — Abril-Setembro, 46.
- Revista Brasileira de Estatística* — Outubro e dezembro de 1945.
- Gaceta Judicial*, 14 — Ecuador.
- Municipal Journal*, ns. 2.801, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.
- State Government* — October, 1946.
- Engenharia* — Ns. 51 e 52.
- Inapiários* — Ns. 100, 101, 102 e 103.

